

**Resumo:** Esta pesquisa abarca a relação entre a produção de dados e os territórios periféricos. Visto que nas duas últimas décadas, coletivos de favelas e periferias estão se mobilizando de maneira crescente para produzir dados evidenciando sua centralidade nos repertórios de ação destes territórios. Com base nos estudos sociais da quantificação, os métodos estatísticos vão além de contar, mensurar e descrever questões sociais, são também uma forma de constituir a vida social e política. Mas de que forma isso atravessa as favelas do Rio de Janeiro? Buscando responder essa questão será apresentado uma análise das experiências vividas em torno da produção de dados no Complexo da Maré e no Jacarezinho. A partir da análise desse cenário, concluo que a produção de dados na favela não se trata apenas de uma mobilização da operacionalidade estatística e/ou acadêmica, mas é também uma ferramenta política para pautar suas demandas e construir uma imagem desprendida das narrativas negativas historicamente atribuídas às favelas e aos seus habitantes.

**Palavras-chaves:** produção de dados. favelas. movimentos sociais contemporâneos. sociologia da quantificação.

## Favelas that count: data production as a political tool

**Abstract:** This research encompasses the relationship between data production and peripheral territories. Over the past two decades, collectives in favelas and peripheries have been increasingly mobilizing to generate data highlighting their centrality in the repertoires of action within these territories. Drawing on social studies of quantification, statistical methods go beyond merely counting, measuring, and describing social issues; they also serve as a way to shape social and political life. But how does this unfold in the favelas of Rio de Janeiro? In an attempt to answer this question, an analysis of experiences surrounding data production in Complexo da Maré and Jacarezinho will be presented. Based on this analysis, I conclude that data production in the favela is not only a mobilization of statistical and/or academic operations but is also a political tool to address their demands and construct an image detached from the negative narratives historically attributed to favelas and their inhabitants.

**Keywords:** data production. favelas. contemporary social movements. sociology of quantification.

## Introdução

Não é novidade que moradoras(es) de favelas do Rio de Janeiro contam uns com os outros e se mobilizam social e politicamente em prol de seus territórios e para garantir seus direitos. Historicamente organizaram-se para lutar contra as remoções, pelo acesso a serviços básicos – abastecimento de água, coleta de lixo e esgoto – e contra as políticas genocidas de segurança pública. Tais mobilizações se intensificaram e tornaram-se ainda mais diversificadas com a produção de memórias, conhecimento e dados que ganhou força nas lutas das favelas e periferias a partir dos anos 2000 (Menezes; Polycarpo; Azael; Cruz, no prelo). A título de exemplo, na pandemia da Covid-19 acompanhou-se a centralidade da produção de dados para esses territórios como uma forma de pautar políticas públicas, melhorar a responsabilidade do Estado e reduzir desigualdades e invisibilidades.

<sup>1</sup>Mestre e doutoranda em Sociologia pelo Instituto de Estudos Sociais e Políticos da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (IESP/UERJ). Assistente de pesquisa do Centro de Estudos de Segurança e Cidadania (CESeC), no projeto O Panóptico. Pesquisadora do BONDE (IESP/UERJ). Bacharel em Defesa e Gestão Estratégica Internacional pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9612-0987>

Indispensável mencionar que a produção de dados esteve intimamente ligada a outras ações como a distribuição de alimentos e de materiais de limpeza, criação de lavatórios, de canais de comunicação entre moradores e médicos voluntários, entre outras<sup>2</sup>. Ou seja, não esteve isolada, bem como não foi uma atividade excepcional baseada em um regime de urgência. Pelo contrário, conforme aponta Vera Telles et al. (2020), todas as iniciativas desenvolvidas durante o contexto pandêmico dentro das favelas e periferias se ancoram no terreno já existente e baseado na experiência social, política e histórica própria do território.

Como se trata especificamente de uma mobilização dos números é preciso considerar as mudanças que aconteceram no regime dos números públicos e nas práticas de dados nos últimos anos. Se antes os números públicos eram somente os números oficiais produzidos pelo Estado, agora têm-se a produção de números por outros atores. Isso se deve, sobretudo, à reconfiguração do uso das estatísticas a partir da lógica neoliberal e a mudança do uso ativista dos números (Didier; Bruno, 2021). Convém ressaltar que não se trata somente de olhar para as mudanças metodológicas da produção de dados, mas também para as mudanças políticas e as escalas de confiança dos números.

Diante desse cenário, o presente trabalho busca compreender como a produção e a comunicação dos dados faz parte do repertório de ação das favelas. Para tanto, a pesquisa tem como base teórica a análise do campo sobre movimentos sociais em diálogo com a Sociologia da quantificação. Aliado a isso, será apresentado a experiência de duas favelas da Zona Norte do Rio de Janeiro: uma no Complexo da Maré e outra no Jacarezinho. Importante dizer que a pesquisa objetiva compreender e orientar melhor a análise e as percepções acerca do ato de produzir dados nestes locais. Portanto, não se pretende aqui generalizar os grupos que produzem dados. Uma vez que eles, assim como as favelas e periferias, são ex-

tremamente heterogêneos.

### Dados e a mobilização social da favela

A quantificação – produção e comunicação dos números – é uma ação social, semelhante à fala e aos atos, com variados propósitos, significados e usos (Espeland; Stevens, 2008). Não se trata meramente de um conjunto de números e de análises estritamente estatísticas ou matemáticas. Com base na Sociologia da Quantificação, por trás dos números agem e reagem idéias, relações sociais, utopias, interesses econômicos e estratégias de poder. Essas diferentes dimensões se intensificaram e diversificaram ao longo dos anos, sobretudo com a entrada de novos atores, de tecnologias, das novidades metodológicas (técnicas e políticas) de produção e circulação dos dados. Se por muitas décadas as estatísticas e os números foram exclusivamente uma “ciência do Estado”, hoje não há mais dúvidas da diversidade e importância de fontes alternativas.

Segundo Emmanuel Didier e Isabelle Bruno (2021) é preciso sair da visão centrada no Estado e destacar outros modos de produção e outros usos dos números. Mas também examinar o que eles implicam e seus efeitos. É o caso da atenção dada ao uso ativista das estatísticas. Tradicionalmente os movimentos sociais sempre utilizaram as estatísticas como ferramenta de contestação. No entanto, Alexandre Camargo (2022) ao investigar o papel das práticas de quantificação na construção do Estado e das rotinas sociais, aponta que os movimentos sociais nunca utilizaram as estatísticas como instrumento de resistência como fazem agora. Isso se deve, sobretudo, à expansão das práticas de quantificação sob o neoliberalismo.<sup>3</sup> Para descrever esse ativismo estatístico Didier, Bruno e Julien Prévieux (2014), inspirado pela sociologia da crítica de Luc Boltanski, utilizam o termo *statactivism*. Trata-se da prática de dados que coloca em debate a realidade, desvela novos caminhos, promove a emancipação de uma autoridade e funciona como ferramenta de resistência.

2 O Dicionário de Favelas Marielle Franco acompanhou estas ações e publicou um compilado na página da WikiFavelas. Para conhecer: [https://wikifavelas.com.br/index.php?title=Coronav%C3%ADrus\\_nas\\_favelas](https://wikifavelas.com.br/index.php?title=Coronav%C3%ADrus_nas_favelas). Ver também Fleury; Menezes (2020).

3 cf. Camargo, 2022.

De modo mais específico:

tratam-se de mobilizações lideradas por leigos, especialistas, ONGs e órgãos de administração local e municipal em reação a critérios de avaliação que percebem como discriminatórios. Em outros casos, o stactivisme não é contra os indicadores, mas consiste em quantificar dados originais para tornar um problema visível e relevante: trabalhadores denunciam a precarização de seus empregos utilizando os números para a defesa de seus direitos; ativistas pró-imigração estimam o custo da política de deportação para mostrar o preço que a sociedade paga por ela. No geral, o uso de estatísticas faz parte do repertório de contendas e é um recurso importante para as mobilizações contemporâneas (Bruno, Didier e Vitale, 2014: 200).

O conceito foi utilizado, por exemplo, em inúmeras ocasiões para analisar a ação de coletivos durante a pandemia da Covid-19. Como apontam os autores este período também pode ser entendido como uma pandemia dos números (Didier; Bruno, 2021). Vide que os dados do poder público sobre o número de infecções e/ou de óbitos foram extremamente questionados. Alain Desrosières (2010), um importante sociólogo estatístico, aponta que durante as grandes crises as estatísticas são intensamente mobilizadas para expressar a gravidade da situação, colocando-as em evidência no debate público. Do mesmo modo, as crises provocam naturalmente críticas sobre o papel do Estado na regulação, gestão da economia e na produção dos números. Ainda, o autor sublinha que são nestes momentos que surgem novas formas de quantificar o mundo social. É dentro desse contexto que ganha destaque a mobilização das favelas em torno da produção de dados.

Acompanhou-se durante a pandemia a criação do “Painel Unificador Covid-19 nas Favelas do Rio de Janeiro”, um projeto que reuniu mais de vinte organizações periféricas com o objetivo de quantificar a intensidade do novo coronavírus nas favelas. Palloma Menezes, Alexandre Magalhães e Caíque Silva (2021) enquadram os painéis numa disputa pela verdade. Tendo em vista que tensionam as verdades estabelecidas pelo poder público. De um lado os governos tentaram invisibilizar a pandemia nas favelas e de outro, os painéis mostraram que ela

existe. Mas não se trata de uma disputa pela verdade de uma situação única e específica. Os autores enquadram também os painéis na disputa pela própria realidade desses espaços. Isso reflete a questão formulada por Lucas Freire (2020) ao analisar a subnotificação e o negacionismo na pandemia. O autor questiona sobre o que se *conta como real* nesta conjuntura. Freire utiliza o verbo “contar” como um jogo de linguagem, pois este apresenta uma dupla dimensão: uma quantitativa e outra qualitativa. A primeira seria o ato de quantificar em si, ou seja, o significado objetivo. Já a segunda dimensão tem o significado mais subjetivo, do que importa, o que é considerado importante. Desse modo:

Ao fazer ver a pandemia nas favelas, os painéis também parecem fazer ver as próprias favelas, em sua dimensão fenomenológica, como uma forma urbana específica na qual se atualizam determinadas questões da cidade, suas dinâmicas de segregação, bem como as lutas e potências tecidas cotidianamente nessas localidades. Nesse sentido, buscam operar um deslocamento prático-discursivo do modo como costumam aparecer aos aparatos midiáticos e estatais ao torcerem os enquadramentos que as constituem quase sempre a partir de signos negativos, cujos efeitos costumam se resumir ou a práticas violentas de controle ou à precariedade no fornecimento de serviços públicos (Menezes; Magalhães; Silva, 2021: 118).

Conforme enunciado na introdução, a produção de dados esteve intimamente ligada a outras ações coletivas e que estas se ancoram no terreno já existente baseado na trajetória de mobilização social, política e histórica das favelas. Por essa razão convém sublinhar algumas ações que construíram a identidade dos moradores desses territórios. É o caso das organizações comunitárias, dos mutirões, das comissões jurídicas e das associações de moradores que existem há mais de um século. As primeiras referem-se aos grupos que se organizam, espontaneamente ou não, em torno de demandas coletivas como lazer, creches e limpeza de valas. Os mutirões<sup>4</sup>, por sua vez, dizem respeito a ajuda mútua entre os moradores na construção de casas, colocação de lajes, caixas d’água entre outras obras de interesse coletivo. Já as comissões jurídicas, que foram como em-

4 O termo “mutirão” nem sempre foi empregado, inicialmente tratava-se de uma simples ajuda e troca de favores, integrante da sociabilidade das favelas e bairros periféricos. Passou a ter esse nome a partir da década de 1970, após setores da Igreja católica e algumas ONGs que desenvolviam um sistema semelhante de obras de interesse coletivo, batizaram-o de “mutirão” (Oliveira et al., 1993).

brões das organizações comunitárias, atuavam no levantamento sobre a situação jurídica das terras em cada favela, na assessoria das associações, no incentivo e no despertar da conscientização comunitária (Brum, 2005). As associações de moradores são entidades políticas que buscam solucionar os problemas locais. Mas não só, de acordo com Janice Perlman (1977), servem também como lugar de encontro, recreação e centro de entrega de correspondências para a favela inteira. Assim, essas iniciativas foram essenciais tanto para melhorias na favela, como no espraiamento da perspectiva solidária, das ações de caráter comunitário e da força política.

Ainda que estejam inseridas numa perspectiva solidária e as ações sejam de caráter comunitário, é importante sublinhar a existência de tensões e conflitos existentes no interior dessas iniciativas. Há discordâncias de prioridades entre os atores envolvidos, disputas e rivalidades entre os grupos e organizações comunitárias, desmobilização das ações seja pela dependência de recursos externos seja pela progressiva decadência da participação dos moradores (Oliveira et al., 1993). As iniciativas de produção de dados nas favelas não estão livres destas tensões. Como aponta Frederico Piovesan (2015), um dos desafios dessas iniciativas é sua permanência. Vide que não há garantia se elas continuarão operando e os dados continuarão sendo coletados no futuro devido aos escassos recursos financeiros disponíveis. Nessa angulação, também pode acarretar atritos internos e na desmobilização dos próprios moradores e moradoras envolvidos no processo de auto contagem.

Importante dizer que muito embora a produção de dados por moradoras(es) das favelas tenha ganhado destaque nos últimos anos, isso não é uma novidade nesses espaços. Como aponta Eugênia Motta (2019) o primeiro autorrecenseamento das

favelas teve seu início em 1999, tendo sido publicado no ano seguinte. Tal projeto foi uma iniciativa do Centro de Estudos e Ações Solidárias da Maré (CEASM)<sup>5</sup>, sediado no Complexo da Maré<sup>6</sup>, Zona Norte do Rio de Janeiro, e tinha como objetivo oferecer um conhecimento mais completo sobre a realidade da Maré não só para aplicação de políticas públicas, mas também para as ações dos próprios moradores e atores destes locais (Nóbrega, 2007). Já nesse primeiro momento identifica-se que a produção de dados nas favelas assume um papel importante na formação de sujeitos políticos e de conhecimento. Ao se contar estão produzindo conhecimento sobre si próprios e é esse conhecimento que servirá de sustentação e mobilização política dos moradores frente ao poder público. Todavia, não se trata apenas de uma ferramenta política. As práticas de dados, de acordo com Andrea Mennicken e Wendy Espeland (2019), podem transformar a forma como os sujeitos se entendem, o que eles fazem e como organizam as suas vidas.

### Quando a favela (se) conta

A segunda iniciativa de autorrecenseamento foi o Censo Maré de 2010, elaborado pela Redes da Maré<sup>7</sup> em parceria com o Observatório de Favelas<sup>8</sup>. Este, contudo, não será qualificado aqui pelo fato de não estar disponível na íntegra no site da organização. Constando somente na linha do tempo de ações da Redes junto às demais pesquisas realizadas como Guia de Rua e o Censo de Empreendimentos, ambos de 2014. Dando continuidade, em 2019 foi publicado um novo e extenso relatório que oferece alguns elementos que ajudam a identificar as justificativas para a necessidade de quantificar esses espaços. Entre eles, dois são principais: o primeiro refere-se à sub-representação dos dados oficiais que

5 Organização Não Governamental formada por moradores da Maré em 1987. Ver mais em: [https://wikifavelas.com.br/index.php/Centro\\_de\\_Estudos\\_e\\_A%C3%A7%C3%B5es\\_Solid%C3%A1rias\\_da\\_Maré](https://wikifavelas.com.br/index.php/Centro_de_Estudos_e_A%C3%A7%C3%B5es_Solid%C3%A1rias_da_Maré)

6 O Complexo da Maré é um conjunto de 16 favelas: Baixa do Sapateiro, Morro do Timbau, Parque Maré, Nova Maré, Nova Holanda, Rubens Vaz, Parque União, Conjunto Esperança, Conjunto Pinheiros, Vila do Pinheiro, Mandacaru, Vila do João, “Salsa e Merengue”, Marcílio Dias, Roquete Pinto, Praia de Ramos e Bento Ribeiro Dantas. Atualmente, o Complexo possui uma população de 139.073 habitantes, segundo censo produzido pela Redes da Maré em 2019.

7 A Redes da Maré é uma instituição da sociedade civil fundada por moradores da Maré em 1997. Ver mais em: [https://wikifavelas.com.br/index.php/Redes\\_da\\_Maré](https://wikifavelas.com.br/index.php/Redes_da_Maré)

8 O Observatório de Favelas é uma organização da sociedade civil criada por ativistas e pesquisadores oriundos de favelas cariocas, com sede na Maré. Ver mais em: [https://wikifavelas.com.br/index.php/Observat%C3%B3rio\\_de\\_Favelas](https://wikifavelas.com.br/index.php/Observat%C3%B3rio_de_Favelas)

impede um conhecimento mais próximo da realidade das favelas e de suas demandas; e o segundo pelo preconceito, direto ou indireto, que constroem e respaldam as representações distorcidas e sem fundamentos empíricos sobre as favelas e seus moradores. Ambos estão articulados e se retroalimentam. Na medida em que há um maior desconhecimento da realidade desses espaços, haverá um predomínio das imagens negativas atribuídas historicamente as favelas e seus habitantes.

Não há como ignorar, também, a existência de vieses decorrentes da estigmatização da favela como locus da violência, da barbárie, da carência e da falta de higiene. Esses juízos sobre a favela afetam desde o planejamento da pesquisa até a realização da entrevista e podem se manifestar de diversas formas, tais como através do receio de incursões em determinados logradouros ou porções do território ou na construção de pressupostos marginalizantes que dificultam a abordagem do público (Redes da Maré, 2019: 11).

Muito embora as críticas aos dados oficiais demarquem a existência dos autorrecenseamentos das favelas e as fortaleça, isto não implica na exclusão total das instituições governamentais no processo de auto contagem. No próprio Censo da Maré de 2019 é ressaltada a participação da Escola Nacional de Ciências Estatísticas (Ence) que pertence ao Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e ao Instituto Pereira Passos (IPP). Além de serem “parceiros” do projeto, os dados produzidos por eles também servem como base e contextualização dos temas abordados. Para Eugênia Motta (2019), a relação entre esses atores é um sinal de que existe uma ambiguidade na produção de dados alternativos. De um lado o reconhecimento da relevância das estatísticas produzidas pelos dados governamentais e, por outro, a desconfiança permanente em relação a elas. Ainda, segundo a autora, há uma ideia de que é preciso disputar as estatísticas. Uma vez que elas são percebidas como realidade pelos agentes estatais, o que implica nas desigualdades e na falta de políticas públicas eficientes e justas. Como aponta Bruno Sousa, co-fundador do LabJaca:

Sendo bem didático e trazendo o exemplo do Jacarezinho, o último censo do IBGE em 2010, apontava 37 mil moradores na favela. No entanto, os moradores sabem

que esse número é pelo menos duas vezes maior. Ou seja, existe uma grande lacuna nesses números que precisa ser resolvida. Se não se sabe o número real de moradores, não é possível ter escola para todo mundo ou atendimentos para todos na UPA e clínica da família. Como levaremos testagem e vacina contra o coronavírus para toda essa população se boa parte dela não está compreendida nesses números? (Sousa, 2021: 2).

Essas iniciativas de auto contagem também assumem o compromisso de levar os dados aos moradores para que “de maneira organizada, reivindicuem dos governos políticas públicas que sejam revertidas em direitos efetivados” (Redes da Maré, 2019). Nessa angulação, a produção de dados *nas* favelas assume um papel importante na formação de sujeitos políticos e de conhecimento. Ao se contar estão produzindo conhecimento sobre si próprios e é esse conhecimento que servirá de sustentação e mobilização política dos moradores, das lideranças e militantes frente ao poder público. Além dos números serem destinados aos habitantes, estes não são entendidos aqui meramente como objetos de pesquisa ou como cooperadores eventuais. Pelo contrário, já nas primeiras páginas do Censo Maré, na metodologia, é destacado que se trata de um trabalho com a mobilização e participação ativa dos moradores em todas as fases do projeto. Ou seja, os reconhece como sujeito, com capacidade de participar e elaborar conhecimento sobre si mesmo. Coadunando com esta perspectiva, Tiarajú D’Andrea (2021) ao discutir sobre as reflexões periféricas, assinala que as periferias estão em constante movimento e quem é de lá está vendo, observando, sentindo, analisando uma multiplicidade de assuntos, constantemente.

O Censo Maré consiste em um amplo diagnóstico da realidade demográfica, sociocultural e econômica, que contou com a mobilização e participação de moradores locais em todas as fases do projeto. Tal iniciativa, portanto, não foi mera ação vertical de especialistas pesquisando acerca da vida de moradores e moradoras da Maré, mas um trabalho conjunto de pessoas – em grande parte, oriundas desse próprio território engajadas no processo de transformação da realidade local (Redes da Maré, 2019: 7).

Estes aspectos também podem ser observados ao tomar o LabJaca como exemplo. Localizado na fave-

la do Jacarezinho<sup>9</sup>, Zona Norte do Rio de Janeiro, o LabJaca é formado por jovens negros periféricos que se propõem a atuar em três eixos: pesquisa, comunicação e formação. O primeiro compreende a produção de dados em si. Em uma das entrevistas realizadas com a coordenadora de pesquisa do LabJaca, Poema, ressalta a centralidade e o papel da produção de dados: “a gente [LabJaca] pensa a pesquisa como um instrumento de mobilização política” com a intenção de fazer tratativas com os dados e mobilizar o morador enquanto sujeito e receptor destes dados. Neste eixo, dedicam-se a produzir dados quantitativos e qualitativos sobre as favelas e seus habitantes. Até o momento, as pesquisas realizadas pelo LabJaca tratam sobre saúde, segurança pública, educação, insegurança energética e racismo ambiental.

O segundo repertório também tem uma centralidade muito grande. Nas entrevistas realizadas, a comunicação foi ressaltada como uma das frentes de ação mais significativas em conjunto com a produção de dados. Isso porque trata-se de duas frentes mutuamente constitutivas e fundamentais, uma epistemológica e outra prática. Segundo Pedro Paulo, coordenador de pesquisa do LabJaca: “se a gente é parte da favela a gente tem que produzir a partir da favela e pra favela. Então a gente tem esse lado epistemológico e o lado prático. Eu acho que esses dois lados são importantes para a gente cumprir a nossa missão” (Trecho de entrevista com Pedro Paulo, 2022). Ao definir a população da favela como a principal receptora dos dados, parece haver um cuidado maior de levar esses números de forma acessível. Isso porque, de acordo com Bruno Sousa, coordenador de comunicação e cofundador do LabJaca: “não adianta mostrar gráficos rebuscados para a tia da esquina ou chegar nela com dados oficiais defasados em uma linguagem acadêmica classe média Jor-

nal Nacional”.

Levando isso em consideração, o audiovisual é tomado como principal meio de divulgação científica e comunicação dos dados. Entre as formas de divulgação dos dados, estão o uso de: cartazes, lambe-lambes, *cards*, vídeos-relatórios e esquetes<sup>10</sup>. A comunicação, contudo, não se restringe a isso. Após a coleta de dados, o grupo se propõe a se organizar para discutir a melhor maneira de levar os dados até os moradores. Entre os exemplos que Poema cita está a realização de rodas de conversa, organização de eventos como feijoadas ou alguma ação em locais direcionados a um público como as barbearias. Segundo ela, não se trata de atraí-los em um sentido negativo, mas de criar maneiras criativas e leves para que os moradores se apropriem dos dados.

Esse também é um objetivo do eixo da formação, o qual consiste em formular cursos de capacitação para levar conhecimento, compartilhar ferramentas e narrativas para jovens periféricos. A título de exemplo, em setembro de 2022 foi realizado o curso “A Favela que Queremos: Curso de Políticas Públicas” para fortalecer lideranças, movimentos e coletivos que pensam a favela enquanto um espaço de construção de novas ideias. O curso foi voltado especificamente para o Jacarezinho e Manguinhos, duas favelas da Zona Norte do Rio de Janeiro. Foram selecionadas 20 pessoas de um total de 150 inscrições. Na seleção foram priorizados grupos identitários (mulheres, negros e LGBTQIA+<sup>11</sup>), lideranças, distribuição territorial das duas comunidades, disponibilidade para os dias das aulas e motivação para participar da capacitação. Nesse sentido, os três eixos de ação, em conjunto, contribuem para a mobilização política dos moradores.

Buscando compreender como se dá a relação entre esses três repertórios, pergunto a Poema o que

9 O Jacarezinho consiste em um território de 350 (trezentos e cinquenta) mil metros quadrados com cerca de 38.778 mil habitantes, segundo estimativas do IBGE em 2019. A favela do Jacarezinho faz divisa com outros bairros conhecidos da Zona Norte: Jacaré, Manguinhos, Maria da Graça e Cachambi. O Jacarezinho é dividido em sete setores: Beira-Rio, Fundão, Azul, Cajueiro, Cruzeiro, Fazenda Velha e Vieira Fazenda.

10 Esquetes são pequenas cenas dramáticas, geralmente cômicas e com menos de 10 minutos de duração. Há dois exemplos de esquetes elaboradas pelo LabJaca: o “LabExplica” e o “Política em 30”. O primeiro são vídeos curtos, descontraídos e interativos que abordam dados ou assuntos importantes. O segundo são vídeos de 30 segundos com viés educativo sobre alguma pauta relevante da semana. Ambos são postados nas mídias sociais do LabJaca e são apoiados institucional e financeiramente pelo Fundo Casa Fluminense.

11 A sigla refere-se às lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, transgêneros, travestis, queer, intersexo, assexual e demais orientações sexuais e identidades de gênero.

une essas ações. Em resposta, ela sublinha que há uma circularidade vital entre elas. Para exemplificar, a pesquisadora aponta que a área da pesquisa alimenta a comunicação. Isso porque os dados acabam sendo o conteúdo principal a serem divulgados e comunicados para a favela. Já na área de formação, há possibilidade e intencionalidade de que os alunos participem, posteriormente ao curso, da elaboração do desenho de alguma pesquisa, bem como na coleta de dados e no processo de produção de políticas públicas. Ainda, Poema destaca que os alunos podem tornar-se núcleos de pesquisa como o LabJaca, entendendo-os como futuros colaboradores, parceiros individuais ou institucionais. Sem dúvidas isso contribui para aumentar a rede de colaboração e de ação coletiva a partir da produção de dados nas favelas. Supõe-se assim que a produção de dados não é mobilizada sozinha, estando combinada com outras ações, fortalecendo-a e fazendo ganhar maior projeção institucional e dentro do território.

### Considerações finais

Nesta pesquisa busquei apresentar as experiências dos coletivos de favela e periferia que se dedicam a produzir dados localizando essas iniciativas com base nos estudos sobre movimentos sociais contemporâneos e na sociologia da quantificação. Como supracitado, não se trata de uma grande novidade no espaço urbano ou na literatura. Desde o final do século XX é possível identificar iniciativas de auto contagem, as quais compartilham diferentes características do associativismo nas favelas, dos movimentos sociais e das recentes práticas de quantificação como crítica. Isso porque ao se contar os grupos periféricos apontam para a centralidade e importância dos dados para pautar políticas públicas, melhorar a responsabilidade do Estado e reduzir desigualdades e invisibilidades existentes. Mas também revelam o acúmulo da experiência social, política e histórica das favelas.

A partir dos argumentos acionados (defasagem dos dados governamentais e os preconceitos e vieses metodológicos existentes nas con-

tagens oficiais) e a centralidade do território e dos moradores como receptor e produtor dos dados concluo que a produção de dados na favela não se trata apenas de uma mobilização técnica da operacionalidade estatística e acadêmica pelos atores periféricos. Mas é também uma ferramenta política para pautar suas demandas e construir uma imagem desprendida das narrativas negativas historicamente atribuídas às favelas e aos seus habitantes. Ainda, o ato de quantificar amplia o campo da prática social e política das organizações periféricas na medida em que se soma a outros repertórios de ação. Como observado nos eixos de atuação do LabJaca, é possível que sejam diferentes repertórios combinados a produção de dados, como a comunicação comunitária e a formação.

### Referências bibliográficas

- BRUM, Mário (2005) “Despertar e Incentivar!”, A Pastoral de favelas e o movimento comunitário de favelas cariocas na redemocratização. In.: Revista Cantareira, Vol. 2, Número 3, Ano 3.
- BRUNO, Isabelle; Didier, Emmanuel; Prévieux, Julien (orgs.). (2014), *Statactivisme: Comment Lutter avec des Nombres*. Paris, La Découverte.
- BRUNO, Isabelle; DIDIER, Emmanuel; VITALE, Tommaso. (2014), “Statactivisme: Forms of Action between Disclosure and Affirmation”, *Partecipazione e Conflitto*, v. 7, n. 2, pp. 198-220.
- CAMARGO, Alexandre de Paiva (2022), *Estado, quantificação e agência: uma análise genealógica*. Dados, Rio de Janeiro, vol. 65, n. 3, pp. 1-39.
- D’ANDREA, Tiarajú Pablo (2021). *Notas sobre uma pesquisa engajada na necessidade de reinvenção das periferias*. In. *Reflexões Periféricas: propostas em movimento para a reinvenção das quebradas / organização Tiajaru Pablo D’Andrea*. São Paulo: Editora Dandara, Centro de Estudos Periféricos, 2021.
- DESROSIÈRES, Alain (2010). *Les crises économiques et statistiques, de 1880 à 2010*, Paris Tech Review. [Consult. 07set.2022]. Disponível em:<http://www.parisinnovationreview.com/article/les-crisis-economiques-et-les-statistiques-de-1880-a-2010>
- DIDIER, Emmanuel; BRUNO, Isabelle (2021). O “estatativismo” como uso militante da quantificação. *Sociologias*, Porto Alegre, ano 23, n. 56, jan-abr 2021, p. 82-109.
- ESPELAND, Wendy N.; STEVENS, Mitchell L. (2008), “A Sociology of Quantification”. *European*

Journal of Sociology, vol. 49, p. 401-436.

FREIRE, Lucas (2020). Subnotificação e negacionismo: o que conta como real em uma (in)visível pandemia. *Boletim Cientistas Sociais e o Coronavírus*, São Paulo, n. 34. [Consult.07out.2022]. Disponível em: <https://anpocs.org/index.php/publicacoes-sp-2056165036/boletim-cientistas-sociais/2348-boletim-n-34-cientistas-sociais-e-o-coronavirus>

MENEZES, Palloma Valle; Magalhães, Alexandre Almeida de; Silva, Caíque Azael Ferreira (2021). Painéis comunitários: a disputa pela verdade da pandemia nas favelas cariocas. *Horizontes Antropológicos* [online], Porto Alegre, ano 27, n. 59, pp. 109-128.

MENEZES, Palloma; Polycarpo, Clara; Azael, Caíque; Cruz, Thaís (no prelo). “Epistemologias dos becos e vielas”: a intensificação e a diversificação da produção de conhecimentos e memórias em favelas e periferias.

MENNICKEN, Andrea; Espeland, Wendy Nelson (2019). What’s new with numbers? *Sociological Approaches to the Study of Quantification*. *Annu. Rev. Sociol.* 2019. 45:223–45

MOTTA, Eugênia (2019), Resistência aos números: a favela como realidade (in)quantificável. *MANA*, vol. 25, n. 1, pp. 72-94.

NÓBREGA Júnior, Edson Diniz (2007). O Programa Criança Petrobras na Maré em oito escolas públicas do maior conjunto de favelas do Brasil. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. Capítulo 3, p. 51-64.

OLIVEIRA; Anazir Maria de Oliveira et al. (1993). Favelas e as organizações comunitárias. Centro de Defesa dos Direitos Humanos “Bento Rubião”. Editora Vozes, Petrópolis.

PERLMAN, Janice (1977). O mito da marginalidade: favelas e política no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

Piovesan, Federico (2015). STATISTICAL PERSPECTIVES ON CITIZEN GENERATED DATA. *DataShift*, civicus.org, [http://civicus.org/thedatashift/wp-content/uploads/2015/07/statistical-perspectives-on-cgd\\_web\\_single-page.pdf](http://civicus.org/thedatashift/wp-content/uploads/2015/07/statistical-perspectives-on-cgd_web_single-page.pdf)

Ruppert, E., & Scheel, S. (2021). *Data Practices: Making Up a European People*. London: Goldsmiths Press [chapters 1, 2, 7, 9].

Sousa, Bruno (2021). ‘A defasagem de dados na favela mantém estrutura que nos silencia’. Rede de Observatórios da Segurança. Centro de Estudos de Segurança e Cidadania, CESeC.

Telles, Vera et al. (2020). (Micro)políticas da vida em tempos de urgência. *Dilemas*, Rio de Janeiro, 24 ago. 2020. Seção especial Reflexões na Pandemia. [Consult. 11nov2022]. Disponível em <https://www.reex-pandemia.org/texto-59>.